

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

BLACK EARTH RISING: RWANDA AND THE HISTORY OF THE PRESENT TIME

Ivaldo Marciano de França Lima¹ - 0000-0001-6592-6056

¹Universidade do Estado da Bahia (DEDC II), Alagoinhas, Brasil -
ivaldomarciano@gmail.com

Resumo:

Ruanda esteve em grande parte do século XX imersa numa complexa e sangrenta guerra civil. O ápice deste processo, possível de ser compreendido sob o aporte da longa duração, foi o ano de 1994, momento em que por aproximados cem dias (entre os meses de abril a julho) foram assassinadas entre oitocentas e um milhão de pessoas. O final desta guerra civil ocorreu com a entrada das tropas da Frente Patriótica Ruandesa (FPR) na capital, Kigali. Logo após derrotar o exército e as milícias ligadas ao antigo governo de Juvénal Habyarimana, a FPR instaurou um novo regime que persiste até os dias atuais. Este artigo tem como objetivo discutir o contexto ruandês posterior a 1994, tendo como ponto de partida a série *Black Earth Rising*, produzida pelo canal de Streaming Netflix. Os episódios desta série apresentam os crimes praticados pela FPR, seja sob os ataques perpetrados contra os campos de refugiados ruandeses, situados na República Democrática do Congo (RDC), seja na eliminação física ou prisão dos opositores ao atual governante, Paul Kagamé. Para este artigo, foi feita uma revisão bibliográfica específica e análise da série à luz da bibliografia sobre o tema. A produção audiovisual, e os mais diversos produtos do fazer humano, servem como fonte para perceber pistas, indícios, de como os seres humanos agiram, pensaram e se colocaram perante o tempo em que viveram, tal como sugere a série em apreço.

Palavras chave: Ruanda; Frente Patriótica Ruandesa; *Black Earth Rising*

Abstract:

For much of the 20th century, Rwanda was immersed in a complex and bloody civil war. The culmination of this process, which can be understood through the lens of the long term, was 1994, when between 800 and 1 million people were murdered over the course of approximately 100 days (between April and July). The end of this civil war came with the entry of the Rwandan Patriotic Front (FPR) troops into the capital, Kigali. After defeating the army and the militias linked to the former government of Juvénal Habyarimana, the FPR established a new regime that persists to this day. This article aims to discuss the Rwandan context after 1994, taking as its starting point the series *Black Earth Rising*, produced by the Netflix streaming channel. The episodes of this series present the crimes committed by the FPR, whether in the form of attacks on Rwandan refugee camps in the Democratic Republic of Congo (DRC) or the physical elimination or imprisonment of opponents of the current ruler, Paul Kagamé. For this article, a specific bibliographical review was carried out and the series was analysed in the light of

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361

Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 133 - 150

Recebido: 10 de Outubro de 2023

Aprovado: 15 de Dezembro de 2023

Publicado: 31 de Dezembro de 2023

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

the literature on the subject. Audiovisual production, and the most diverse products of human endeavour, serve as a source for perceiving clues, indications, of how human beings acted, thought and placed themselves before the times in which they lived, as the series in question suggests.

Keywords: Rwanda; Rwandan Patriotic Front; Black Earth Rising

Introdução

As séries e os filmes, assim como os desenhos animados e as histórias em quadrinhos, constituíram (e ainda constituem!) parte de um debate acerca de seu valor e validade como fonte para a compreensão da história dos povos e sociedades diversas. Seriam válidas como fonte para o historiador, como forma de compreender o passado? Questões acerca da objetividade destas fontes, de sua veracidade e legitimidade foram por muito tempo imersos em intrincadas discussões sobre o que é ou não válido para o entendimento dos homens e mulheres em sociedade.

A este aspecto deve se acrescentar também os diálogos com a Literatura, que ora é compreendida como fonte, algo menor e auxiliar da História, ora como uma forma de entender e narrar os fenômenos, o que lhe coloca em lugar diferente de mera coadjuvante para o entendimento dos contextos e circunstâncias. Todos estes pontos, alusivos ao que se pode definir como fonte, objeto ou história propriamente dita, numa perspectiva de alargamento, foram discutidas em trabalhos como os de Burke (1997) e Reis (2004; 2008), defendendo em seus pontos de vista que há uma primazia para a renovação da pesquisa a partir da Escola dos Annales. No entanto, estas questões também foram discutidas por Obenga (2010) e Ki-Zerbo (2009; 2010) que também indicaram sobre como em África os discípulos de Clio se mostraram ávidos por renovação, alargamento da ideia de fonte e objeto da História, além da serventia desta para a sociedade em geral.

Estes problemas de compreensão das fontes, dos modos como enxergamos os eventos e fenômenos constituem um objeto primordial para o historiador pensar as questões postas na hodiernidade. Como compreender o passado, e quais meios dispomos para acessá-lo? As músicas, e os mais diversos produtos do fazer humano, servem como fonte para perceber pistas, indícios de como agiram, pensaram e se colocaram perante o tempo em que vivem (viveram)? Estas questões são aqui compreendidas como parte dos problemas que tentarei desvendar, tomando uma série disposta em um canal de streaming

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

como fonte para entender parte do processo histórico e tempo presente em um pequeno país situado no continente africano, Ruanda.

Ao leitor e à leitora, a quem dedico as melhores saudações, advirto sobre alguns aspectos: por mais que existam mecanismos ideológicos no Brasil que aprisionem e/ou encapsulem nossos olhares sobre os países, povos, homens e mulheres de África em dimensões estranhas a eles e elas, distantes do que efetivamente são, irei buscar neste artigo a compreensão dos eventos a partir das suas lógicas e minudências (LIMA, 2019a; 2019b). Portanto, irei analisar Ruanda e seu contexto político, e com ele farei algumas pequenas incursões ao país vizinho, no caso, a República Democrática do Congo. E aqui reitero ao leitor e a leitora: paciência e suavidade ao ler estas linhas, pois estarei infringindo regras constituídas por tramas estabelecidas pelo senso comum, de que temos liames naturais com o continente africano, e de que sua história tem proximidade com a nossa. Estes não são paradigmas trilhados nestas linhas.

Mas, e o que é uma série? E o que vem a ser Ruanda? Não é tudo África?

Diferente de uma narrativa filmica, as séries constituem um determinado conjunto de filmes que possuem um vínculo entre si, sendo dispostos em modo sucessivo, com um enredo em perspectiva cronológica, com continuação ou não. Diferente dos filmes, que podem vir a se tornar uma série, esta tem como principal substância a continuidade de um tema ou história. As séries da contemporaneidade podem ser vistas como novidade, mas existem já há alguns anos, e em certa medida também estão presentes nas televisões brasileiras em diversas modalidades. Uma série ou seriado, diferente nas formas que foi produzida, tem como característica a sua quantidade de episódios e a relação que estabelece com o público telespectador. Seus enredos, via de regra, são baseados nos episódios anteriores, criando vínculos afetivos e emocionais com as pessoas que a acompanham em seus episódios. As novelas brasileiras, em certo sentido, podem ser definidas como espécie de séries. Há, portanto, uma cultura das séries, e o diferencial da contemporaneidade em relação aos tempos pretéritos diz respeito, principalmente, aos locais e modos como as pessoas acessam e assistem os episódios (SILVA, 2014). Atualmente não há mais a exclusividade de se assistir as séries através da televisão. Os

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

canais de streaming não apenas transmitem as séries, mas também produzem algumas destas, a exemplo da que irei discutir mais à frente, no caso *Black Earth Rising*.

Esta série, produzida pela Netflix em conjunto com a BBC, tem diversos países como cenário, sendo ora a Inglaterra, ora a Holanda, França, RDC e Ruanda. Nela temos uma garota ruandesa que acreditava ser tutsi, vivendo na Inglaterra e que acreditava ser uma sobrevivente de um episódio que foi divulgado pelas mídias como sendo um genocídio, ocorrido em Ruanda, entre os meses de abril a julho de 1994. Nesta série também temos uma mulher inglesa, convicta de estar cumprindo o importante papel de levar à justiça para os povos destituídos da capacidade de julgarem seus criminosos. Vários enredos com textos subliminares, indicando os problemas da geopolítica dos países situados na região dos lagos do continente africano, especialmente Ruanda e a República Democrática do Congo (RDC): eis uma das muitas opções de apresentar a série lançada em 2018 pela Netflix, intitulada *Black Earth Rising*.

Diferente do que costuma pensar no senso comum brasileiro, o continente africano está longe de ser definido como um lugar uno, homogêneo. Também não é habitado por um só povo dotado de uma única cultura e língua. Saliento que existem setores organizados da sociedade brasileira, inseridos em diferentes movimentos sociais, que difundem ideias e crenças alusivas a tais pontos, corroborando com a construção e retroalimentação de que África se define pela cor da pele de seus habitantes, e de que estes, longe de constituírem uma diversidade nos aspectos do fazer, das práticas e costumes, são apenas e tão somente negros (LIMA 2018; 2022; 2023a; 2023b). Ruanda está situada na região dos Grandes Lagos da África centro oriental, possui aproximados treze milhões de habitantes e tem sua capital em Kigali, a maior cidade do país com um milhão e duzentas mil pessoas. O país não tem costa marítima e faz fronteira com Uganda, Tanzânia, República Democrática do Congo e Burundi. Tem como línguas oficiais o inglês, francês e swahili, além do kinyarwanda, que é falada pela imensa maioria da população.

Apresentando a série

Dividida em oito episódios, cada um com duração média de uma hora, a trama apresenta personagens com papéis bem definidos e o protagonismo sendo exercido por duas mulheres, no caso, Michaela Coel (no papel de Kate Ashby) e Harriet Walter (no

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

papel de Eve Ashby). São elas duas as principais personagens desta série, apesar de uma delas ser morta ainda no segundo episódio. Contudo, haverá muitas referências a ela, Eve Ashby, o que me faz afirmar que mesmo morta é ainda parte central do enredo da série. Kate Ashby foi resgatada ainda criança por Eve Ashby, que optou por adotá-la e criá-la na sociedade inglesa. Eve Ashby tem formação em Direito e é especialista em Direitos Humanos, além de ser envolvida com o TPI, O Tribunal Penal Internacional, com sede em Haia, Holanda. Kate Ashby também tem formação em Direito, e trabalha no mesmo escritório que sua mãe.

Além de Kate Ashby e Eve Ashby, a série apresenta outros personagens que integram a trama, a exemplo de John Goodman, no papel de Michael Ennis (o advogado que é amigo de Eve), Lucian Msamati, no papel de David Rnihura (que cumpre a função de articulador do governo ruandês, e que em certa medida nos lembra a função exercida por Paul Kagamé, que neste caso está deslocado da condição de presidente de Ruanda), Abena Avivor (que protagoniza o papel de presidente, na personagem nomeada por Bibi Mundanzi), Noma Dumezweni (que exerce o papel de Alice Munezero, a general da FPR que será presa por conta de complexa trama de fatos, narrados no terceiro e quarto episódios), e Tamara Tunie, que contracena como Eunice Clayton, uma funcionária do governo estadunidense.

O autor da série e seu roteirista é Hugo Blick, também foi o responsável pela direção, e o produtor é Abi Bach. A série é resultado de um concerto envolvendo a Drama Republic, BBC e Netflix. A trama está disposta em oito episódios, conforme referido, e tem como questão central os contextos advindos do genocídio de 1994, no caso, os crimes cometidos pelo atual governo ruandês, outrora Frente Patriótica Ruandesa (FPR), que constituiu a principal força responsável pelo fim dos massacres impostos aos tutsis e hutus moderados no episódio já citado.

A série, breve descrição dos episódios

Em resumo, a série permeia os eventos posteriores ao genocídio. Kate Ashby, agora uma mulher adulta, começa a investigar os fatos diretamente relacionados ao assassinato de sua mãe adotiva, que ocorreu em pleno espaço físico do TPI. Desta forma se vê em meio a uma intrincada trama perpassada por crimes de guerra e eventos de diferentes naturezas. Há contextos de espionagem e de tramas envolvendo-a, indicando

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

mensagens sutis para o espectador, que talvez não compreenda a contento os “recados” que são enviados nos diferentes episódios da série.

O primeiro episódio da série, “Outras Notícias”, mostra a jovem Kate Ashby às voltas com os problemas de sanidade mental, e em meio aos conflitos com sua mãe adotiva, Eve Ashby. Ainda neste episódio, o General Simon Nyamona é obrigado a se entregar à justiça internacional, uma vez que o governo ruandês já não mais está comprando os minérios que são adquiridos pelas milícias deste outrora militar e herói de guerra da FPR. Nyamona é aqui a indicação de uma das muitas mensagens subliminares que a série transmite, no caso, a ligação do atual governo ruandês com o grupo guerrilheiro M23. Este grupo atua na província de Kivu e é um dos principais pontos de atrito entre os governos de Ruanda e da República Democrática do Congo (RDC). Este atrito, por sinal, foi decorrente de questões diversas e diretamente relacionadas com a derrubada do então presidente Mobutu Sese Seko, que saiu da presidência em 1997. Os eventos ocorridos após a queda de Mobutu do poder, tem como ápice a Grande Guerra Africana, que será melhor discutida mais à frente (SILVA, 2012).

A decisão do General Nyamona, de se entregar à justiça, é construída na série como sendo o resultado das pressões conjuntas entre Comunidade Econômica Europeia, através do Tribunal Penal Internacional (TPI), e a ONU, de maneira que o governo ruandês retira o apoio ao seu antigo general e aliado. Kate Ashby, ainda no primeiro episódio, não concorda que sua mãe, Eve Ashby, aceite o cargo de promotora de acusação contra o general, uma vez que reconhece neste a condição de um herói que pôs fim ao genocídio e ao quadro de violência em Ruanda. Kate acredita ser uma tutsi, questão que irá surpreender o telespectador ao longo dos demais episódios, e que será discutido logo mais.

O segundo episódio, intitulado “Olhando o Passado”, tem como cenário o julgamento do general no TPI, em Haia, e traz consigo os assassinatos da promotora, Eve Ashby, e de Simon Nyamona, no âmbito das instalações do tribunal. Michael Ennis e Kate passam a investigar os assassinatos de ambos, e a série agora tem a França como cenário principal. O terceiro episódio, intitulado “Fantasmas”, tem como ponto central as investigações de Kate em torno do suposto assassinato do Padre Patenaude, que teria sido abatido pela então General da FPR, Alice Munezero, agora prisioneira do Governo Francês. Ao que parece, novamente a série nos sugere outra mensagem subliminar,

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

indicando os muitos partidários de Paul Kagamé que saíram da condição de aliados para ocuparem o lugar de opositores.

O quarto episódio, intitulado “Uma Tigela de Cereal”, tem como questão central os jogos de conspiração em torno da prisão de Alice Munezero e das investigações de Michael contra um dos arquitetos do genocídio, o então integrante do governo ruandês deposto pela FPR, Patrice Ganimana. É neste episódio que Alice revela parte do passado de Kate Ashby, que cada vez mais se vê envolvida em aspectos do seu passado e da trama que tenta desvendar. Novamente temos os intricados episódios da política ruandesa, imersos em uma combinação de tramas, conspirações e mortes. O quinto episódio, “Os Olhos do Diabo”, mostra o passado em comum de Alice e Mundanzi. Kate Ashby é avisada sobre Ganimana, mas assume o caso, mesmo com as objeções feitas por Michael.

O sexto episódio, “A natureza verdadeira do jogo”, mostra Kate viajando para Ruanda na companhia de Florence, a pedido de Eunice, uma vez que estão de posse do arquivo de Ganimana. O sétimo episódio, “A Coisa tá feia”, deixa o telespectador apreensivo, uma vez que é neste momento em que Eunice vai prestar depoimento contra Ganimana e Alice Munezero retorna à Ruanda. É também neste episódio que Michael conta a verdade sobre Kate Ashby: ao contrário do que pensava, ela não é uma tutsi, mas hutu. E foi em um campo de refugiados na República Democrática do Congo em que ela havia sido resgatada. O oitavo e último episódio, “A Terra que perdoa”, é marcado pela viagem de Kate Ashby ao Congo Democrático, em busca das covas coletivas daquele que no passado constituiu o campo de refugiados em que ela foi resgatada. É aqui que o telespectador recebe mais uma forte mensagem subliminar, no caso, os assassinatos em massa perpetrados pela outrora Frente Patriótica Ruandesa em solo congolês, e que agora detém o poder do governo ruandês. Novamente a série sugere mensagens subliminares, desta vez indicando que após o fim do genocídio, ocorrido em 1994, as tropas da Frente Patriótica Ruandesa foram em direção ao Congo, com o intuito de perseguir e eliminar os integrantes das milícias hutus que orquestraram o massacre. Neste contexto, as mortes de ambos os lados revelam que tanto FPR, como milícias hutus constituem parte de um mesmo projeto que se reconhece na metáfora conceitual da identidade política, cunhada por Mamdani (2002).

O contexto de 1994: a continuidade da guerra civil iniciada em 1990

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

Para entender o contexto da série em análise é preciso retroagir a 1990, quando se inicia a guerra civil ruandesa. Ademais, faz-se necessário compreender as duas guerras do Congo, que serão tratadas na próxima seção. Mediante a situação de “empate” e impasse entre as tropas leais ao presidente Juvénal Habyarimana e as forças da Frente Patriótica Ruandesa, as pressões exercidas para a formação de um governo de unidade nacional trouxeram pânico para muitos setores do governo. Conforme Fonseca (2018), acrescenta-se a isto o fato de ter havido uma memória alusiva ao período colonial, de que os tutsis foram agentes de malefícios perpetrados aos hutus, identificando a FPR como sendo um exército daqueles que viriam retomar o poder e novamente impor o sofrimento para a maioria hutu. Este contexto, além da crise vivida no interior do governo de Habyarimana, impôs o caos e o temor aos homens e mulheres comuns, sem envolvimento direto nos conflitos, uma vez que estes tinham rádios, televisões e revistas sugerindo que a FPR representava o retorno dos tutsis ao poder. E desta forma, uma reprodução das situações de malefício vividas no período anterior à revolução hutu, ocorrida em 1959 (FONSECA, 2016).

Em meio aos processos de negociação, ocorridos em Arusha (Tanzânia), o episódio de 06 de abril de 1994 é tido como o início dos assassinatos que irão ocorrer ao longo de cem dias. No avião, atingido por um míssil quando estava pousando no Aeroporto Internacional de Kigali, encontrava-se também o então presidente do Burundi, Cyprien Ntaryamira, que foi assassinado junto com Juvénal Habyarimana. Este último era o presidente de Ruanda desde o mês de julho de 1973, quando perpetrou um golpe contra o seu antecessor, Grégoire Kayibanda, assumindo a presidência até a fatídica data citada.

A complexidade dos eventos e contextos que envolvem a morte de Juvénal Habyarimana, e o início dos massacres que viriam a constituir a triste marca do genocídio ruandês, ao mesmo tempo em que trazem consigo diversos problemas alusivos à compreensão do momento histórico, também são recheados de fenômenos de complexa tradução. Importa saber que o governo ruandês de Juvénal Habyarimana se encontrava em crise, vivendo um contexto de guerra civil movida pelas tropas da Frente Patriótica Ruandesa desde outubro de 1990. Esta guerra é mais um capítulo da longa e complexa história de conflitos, massacres e assassinatos que permeia a história deste minúsculo país da região dos lagos. Ruanda vivia nova guerra civil, e as tropas da Frente Patriótica Ruandesa facilmente teriam entrado em Kigali se não fosse a intervenção francesa,

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

conforme afirma Kapuscinsky (2011). O governo francês, segundo Sitbon (2000), não apenas apoiou o regime de Juvénal Habyarimana, como também emprestou vultosas somas de dinheiro para que armas fossem compradas. E muitas destas, os machetes (espécie de faca/facão com dois gomos, utilizada pelos militares ruandeses), seriam usadas da pior forma possível contra homens e mulheres tutsis, além de hutus moderados que não aceitavam o extermínio como saída, conforme convocação feita pelas mídias, especialmente a Rádio Mille Coline (FONSECA, 2013). O grau de violência, descrito nos trabalhos de Hatzfeld (2005) e Gourevitch (2006), mostra como anos de ódio, ressentimento e medo constituíram resultado para lá de dantesco em termos de mortes.

Ainda sobre o episódio da guerra iniciada em 1990, devido à intervenção francesa, os rebeldes da FPR não avançaram em direção à Kigali, mas as tropas governamentais, leais ao presidente Juvénal Habyarimana, não conseguiram reverter as posições dos adversários. Criou-se, então, um contexto de paradoxo e as tropas foram obrigadas a negociar não apenas um cessar fogo, mas também um acordo com vistas à formação de um novo governo em que os rebeldes fossem integrados. Ora, em uma sociedade marcada por ressentimentos de toda ordem, o receio de que antigos inimigos ocupassem o poder era suficiente para causar pânico e medo.

Seja pelos discursos dos hutus (que se colocavam como vítimas dos tutsis, outrora aliados dos antigos colonizadores belgas), seja pelos tutsis (que desde o contexto da independência, ocorrida em 1962, foram vítimas de massacres e atrocidades diversas), a sociedade ruandesa vivia contextos de ódio e medo, regados ao que Mahmood Mamdani (2002) nomeou por “identidades políticas” em grau extremo. O contexto de uma sociedade extremamente adoecida e marcada pelo medo pode ser conferido nos trabalhos de Scolastique Mukasonga (2017a; 2017b; 2018), que em sua narrativa nos faz perceber o quanto era difícil nascer e viver em uma sociedade que se definia por carteiras de identidade racial. Ser de um ou outro grupo, a despeito que ambos constituíssem partes de um mesmo povo, representava riscos de ser morto ou espancado, mesmo que em tese o homem ou a mulher nada tivesse feito contra ninguém ao longo de sua vida. Numa sociedade em que as pessoas são definidas por essências, pautadas por dimensões de identidades biologizadas, nada há que se fazer que não seja torcer pela fortuna.

Pois bem, em meio a uma guerra ainda indefinida, sem aparente vencedor, Juvénal Habyarimana vivia pressionado por setores do seu governo, que por um lado proclamava discursos em prol do extermínio de todos os tutsis, e, por outro lado, se via

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

diante das exigências da União Africana e do estado francês, que impunham a feitura de acordos para formação de um governo de unidade nacional. Após a assinatura dos acordos de Arusha, em agosto de 1993, o presidente ruandês seguiu com as negociações tentando ao máximo ganhar tempo para evitar que os opositores da FPR efetivamente entrassem no governo. Os opositores, estacionados em Ruanda desde 1992, às portas de Kigali, aprofundaram a crise do governo de Habyarimana e colocaram em questão complexas situações e contextos em que problemas do âmbito da história e da psicologia se amalgamaram, gerando como resultado um dos piores episódios da história da humanidade e da região dos lagos do continente africano.

O assassinato do presidente Juvénal Habyarimana, nos arredores do aeroporto Internacional de Kigali, foi o estopim para a retomada da guerra civil que resultou nas mortes de milhares de ruandeses (oitocentos mil, para os mais “otimistas”, e um milhão e duzentos mil para os “pessimistas”). E este contexto de guerra e mortes teve continuidade com os capítulos seguintes ao contexto da tomada do poder por parte da Frente Patriótica Ruandesa. A intervenção ruandesa na República Democrática do Congo pode aqui ser descrita como um dos fatores que ajudam a entender as duas guerras congolezas.

As duas grandes guerras do Congo

Ocorrida entre outubro de 1996 e maio de 1997, a primeira guerra do Congo teve como epicentro a união de Uganda, Ruanda e Burundi, no apoio a Kabila, para que este tomasse o poder do então presidente, Mobutu, que em 1971 mudou o nome do país de Congo para Zaire. Esta primeira guerra, ocorrida sob a esteira do contexto pós genocídio de 1994, teve como questão central a característica de uma guerra civil congoleza, e foi nesta circunstância que Mobutu foi derrubado, no mês de maio de 1997, e levado ao exílio no Marrocos, país em que viveu seus últimos dias. Aqui se percebe não apenas a intenção das forças ruandesas em interferir no país vizinho, mas também sugere os planos de apropriação das riquezas da RDC, que já eram objetivo da cobiça dos países vizinhos, especialmente Ruanda e Uganda. A mudança no nome de Zaire para República Democrática do Congo ocorreu com a ascensão de Laurent Kabila ao poder, em 1997.

A segunda Guerra do Congo, também conhecida como Grande Guerra Africana, envolveu vários países e teve como resultado um elevado número de mortos, algo em

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

torno de cinco a seis milhões de pessoas. O evento causou grande deslocamento de civis, gerando uma situação de caos nos aspectos humanitário e econômico. A causa desta guerra reside em eventos complexos, no caso, de assassinatos e tramas palacianas. A morte de Laurent-Désiré Kabila e a sua sucessão por seu filho, Joseph Kabila, colocou em campos opostos os outrora aliados Ruanda e RDC. Esta guerra, a maior em número de mortos após a Segunda Guerra Mundial, envolveu Ruanda, Burundi, Uganda, além de Angola, Chade, Zimbábwe e Namíbia, que apoiaram o regime de Kabila, contra as pretensões ruandesas. Esta segunda guerra ocorreu entre os anos de 1998 a 2003 (SILVA, 2012).

A despeito dos fatores minudentes que circundam estas guerras, tem-se em evidência o fato de que Ruanda e o governo constituído após a tomada do poder pela Frente Patriótica Ruandesa é questão central para compreender os deslocamentos de forças e os engendramentos de alianças que constituem a geopolítica da Região dos Grandes Lagos do continente africano. Ainda que existam fronteiras entre os dois países, é frequente a invasão da RDC por tropas ruandesas, o que gera frequentes protestos deste país no âmbito da União Africana e das Nações Unidas. Contudo, há que se considerar o forte argumento ruandês de que as incursões em território congolês são para perseguir e prender pessoas ligadas ao episódio do genocídio de 1994. Essa questão articula e orienta parte considerável da política externa de Ruanda tanto em termos regionais como na relação com os demais continentes. Enquanto isso, constrói-se forte ódio no cenário congolês contra Ruanda, e o receio é de que isso reverbere no contexto eleitoral. O leitor e a leitora devem saber bem que ódio, eleição e ressentimentos não constituem bons ingredientes em nenhuma receita.

A série *Black Earth Rising*: “baseada em fatos reais”?

A série em questão, *Black Earth Rising*, pode ser compreendida sob vários aspectos, dos quais a da apropriação dos fatos “ditos reais” e a sua transformação em ficção. Seu diretor não reivindica a série como baseada em fatos reais, tampouco afirma o oposto disto, o que não retira a possibilidade da narrativa dispor de textos e mensagens sobre fatos ocorridos. Ao longo dos episódios inúmeros fatos são descritos sob recursos de alegorias ou engendramentos discursivos, a exemplo da prisão do General Simon Nyamona e sua ida ao Tribunal Penal Internacional, que pode ser a indicação de alguns

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

dos fatos ocorridos na dita vida real. Ruanda, a despeito dos seus números positivos em termos econômicos e de uma certa estabilidade política, vem sendo objeto de questionamentos por parte das agências de Direitos Humanos. Ruanda é governada desde 2000, há 23 anos, por um mesmo presidente, Paul Kagame, que antes disso ocupou a vice-presidência, logo após a imposição da derrota às tropas leais ao então presidente Juvénal Habyarimana.

Os primeiros momentos da série, no primeiro episódio, apresentam os questionamentos de um jovem estudante, interpelando Eve Ashby, a respeito da legitimidade do Tribunal Penal Internacional, e do fato de que este julga apenas “presidentes de países africanos”. Este diálogo, construído como uma representação pautada na ficção, poderia perfeitamente ocorrer entre qualquer estudante e uma especialista em Direitos Humanos ou Direito Internacional. Por qual motivo o TPI não julga autoridades de potências imperialistas, a exemplo dos Estados Unidos, ou de países da Comunidade Econômica Europeia, mas dispõe de poderes para agir sobre autoridades de países do continente africano? Ao que parece, neste aspecto, tem-se que concordar com Ferro (2010) em sua tese sobre as relações entre o cinema e a história. Para Ferro, todo filme é uma contra análise da sociedade, e esta, por mais que estabeleça censuras para a narrativa, em algum momento irá deixar escapar as pistas indicando os aspectos que lhe revelam. Aliás, esta é a forma como Morettin (2003) apresenta Marc Ferro, indicando sua obra como seminal para os estudos sobre o cinema no âmbito da história.

Ainda sobre Ferro, Morettin entabula questões sobre os aspectos que balizaram o trabalho de análise deste historiador em relação ao cinema. E aqui há que se realçar alguns tópicos sobre esta questão, qual seja, o fato de a história não estar presa à caça de uma busca do real ou de suas representações na relação com o cinema. Esta questão é bem trabalhada por Rosenstone (2010), que discute os filmes como partes da representação de diferentes contextos da vida, e esta não se resume a uma busca do ocorrido, acontecido, mas também das possibilidades que se apresentam e do que poderia ter sido. A série *Black Earth Rising*, neste aspecto, ao mesmo tempo que indica mensagens sutis sobre o contexto ruandês, a exemplo de um presidente que dirige o país com mão de ferro, e de articulações com potências imperialistas para favorecimento da compra de minérios, também traz diálogos e contextos que não necessariamente são reivindicados como fatos acontecidos.

O cinema tem funções diversas. Pode difundir imagens e estabelecer as mesmas como reais, mesmo que estas jamais tenham efetivamente ocorrido. Tem o mérito de se

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

constituir em uma linguagem poderosa e que interfere tanto na maneira de pensar os fatos, como na forma como estes ocorreram. É, no dizer de Carrière (2006), dotado de uma linguagem secreta com múltiplos caminhos e direções. Esta é a melhor maneira de se pensar esta série, que ao mesmo tempo nos faz refletir sobre fatos ocorridos, questionando celebrações discursivas de heróis que mataram e mandaram matar, e de como consensos podem ser desconstruídos, a exemplo do Tribunal Penal Internacional, que é apresentado como um órgão de justiça, mas que efetivamente não tem em sua tessitura a justa justiça de punir todo e qualquer infrator, pois apenas os países destituídos de poder bélico são passíveis de suas garras justiceiras.

Ainda sobre os contextos alusivos às relações entre História e Cinema, há que se destacar os elementos subjacentes ao processo de feitura do roteiro e das imagens que estão presentes na série, objeto deste artigo. Os modos como o diretor apresenta os episódios e os argumentos presentes na trama justificam boas reflexões entre o que nomeamos por “real” e “ficção”. A representação de determinados fatos, os modos como contextos podem ser interpretados são trazidos à tona por meio das cenas e dos modos como estas são articuladas e engendradas. Ora, o episódio de 1994, se analisado de forma isolada, pode ser considerado como atípico e extemporâneo, sem uma explicação racional uma vez que homens e mulheres até então vizinhos, colegas de trabalho, escola ou universidade, de uma hora para outra são apresentados como assassinos vorazes e movidos por um ódio animalesco. Estas mortes se justificam? Pelas lentes da série, não, pois são a todo instante condenadas e jogadas ao lugar do irracional, mesmo que de forma subliminar, mas se estendermos esta questão para outras narrativas fílmicas poderemos perceber que nem sempre o cinema possui a preocupação de explicar e contextualizar fatos, podendo até contribuir para reforçar estereótipos e visões distorcidas.

No geral, a série *Black Earth Rising* tem boa montagem dos seus episódios e se comparada com alguns filmes que tiveram o contexto ruandês como tema, certamente ficará em lugar privilegiado em termos de qualidade. Ainda que não reivindique a condição de narrativa baseada em fatos reais, o que lhe faz ter maior poder de manobra sobre a representação dos eventos e fenômenos, a série traz poderosas discussões a respeito de eventos diversos, a exemplo das duas guerras do Congo, o genocídio de 1994, a legitimidade do Tribunal Penal Internacional (TPI), as relações entre Ruanda e a República Democrática do Congo (RDC) e os modos como os organismos internacionais lidam com os episódios aqui indicados.

O tempo presente: a região dos lagos como palco de guerras ainda por acontecer

A série *Black Earth Rising* constitui excelente material para os aspectos do entretenimento e da reflexão sobre o contexto político atual da região dos grandes lagos do continente africano. Tem boa trilha sonora e razoáveis cenários, além de fotografia espetacular. O áudio é digno de nota, e diria que a montagem final do trabalho é sem dúvida elogiável. Por trazer questões alusivas à Região dos Grandes Lagos, a série mexe com aspectos sensíveis, e por isso mesmo atrai a atenção de estudiosos diversos. Atualmente a Região dos Grandes Lagos vem sendo palco de vários conflitos, nenhum deles parecido com o que houve nos anos 1990, no caso, as duas guerras congolêsas, ou o episódio de 1994. No entanto, as relações existentes entre a República de Ruanda e a República Democrática do Congo constituem hoje um ponto de tensão permanente na região.

Segundo Fonseca (2022), o atual governo ruandês trabalha com interpretações modeladas do passado, de modo a construir lugares vantajosos para determinados personagens históricos. A esta reflexão acrescento a tese de que Ruanda, assim como Israel, trabalham com uma espécie de culto ao sofrimento vivido no passado, como forma de obter a permissão para o erro, e desta forma dispor de uma impunidade licenciada e autorizada. Ora, se Israel conseguiu se valer do holocausto como argumento central para fundar seu estado nacional em terras reivindicadas sob argumentos míticos, e pauta a divulgação do sofrimento como matéria para conseguir isenção das atrocidades que comete contra o povo palestino, Ruanda lança mão de recurso semelhante. O atual governo, ao que parece, se vale da retórica do genocídio como forma de manter relações com o M23 em solo congolês, ao mesmo tempo em que mantém o contrabando de riquezas minerais, especialmente o coltan, constituindo-se em um dos maiores exportadores deste minério, ainda que não disponha de uma só mina em seu solo. Ora, a despeito das denúncias feitas contra o governo ruandês tanto pelo atual presidente congolês, como por agências internacionais diversas, Ruanda segue mantendo relações com o M23, interferindo diretamente na província de Kivu e em outras partes da RDC. Os organismos internacionais não possuem conhecimento deste aspecto? Ou estamos diante de questão complexa e ao mesmo tempo semelhante ao contexto israelense?

Algumas breves conclusões

A série *Black Earth Rising* constitui excelente possibilidade para acessar contextos pouco conhecidos pelos brasileiros, e pode fornecer meios tanto para o entretenimento, como para refletir sobre a geopolítica da Região dos Grandes Lagos. As guerras ocorridas ao longo dos anos 1990, seja o episódio do genocídio ruandês, sejam as duas guerras da República Democrática do Congo, acima citadas, trazem consigo motivos plausíveis e passíveis de serem compreendidos se observados à luz da história. Longe de resultarem de diferenças advindas das irracionalidades tribais ou resultantes da ausência de elementos civilizacionais nas sociedades existentes em África, as guerras constituem o resultado de arranjos e rearranjos decorrentes da história, e como tal passíveis de serem compreendidos sob o escopo desta ciência.

Ora, se a Ruanda Contemporânea é tributária de um contexto sucedâneo de transformação de identidades, no qual um povo outrora uno foi posto no lugar do ódio, a partir da invenção da raça e da imposição de narrativas de origem distintas, é primordial que se discuta os riscos e perigos do entendimento das pessoas a partir de essências fixas e cristalizadas. Ruanda foi construída por um povo que compartilhava o mesmo território, língua, religião, mitos e cultura, mas que possuía divisões no contexto socioeconômico. Hutus, tutsis e twás remetem a termos que não indicam existência de povos distintos, mas de divisões de um mesmo povo, que por razões diversas possuíam clivagens e hierarquias específicas. Compreender Ruanda hoje é situá-la na história, sob o repertório da longa duração.

Assim também é a República Democrática do Congo, no que tange ao seu atual estado de esfacelamento e ausência de unidade interna. Recorrer aos argumentos de incapacidade auto organizativa, ou de uma má governança como elementos explicadores da conjuntura atual, não apenas servirá de desonestidade intelectual, como também retirará homens e mulheres dotados de equipamentos biológicos análogos aos nossos, da condição de humanidade plena. Aqui, prezado leitor e estimada leitora, mais uma vez recorro ao argumento de que a história é condição privilegiada para a compreensão destes complexos e tensos contextos, mas que possuem nexos e urdiduras possíveis de serem vistas como resultantes de processos históricos. Neste sentido, o material audiovisual, no

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

caso a série *Black Earth Rising*, oferece uma boa porta de entrada para a compreensão da história de Ruanda pós 1994.

Referências

BLACK earth rising. Direção de Hugo Blick. Inglaterra: NETFLIX, 2018. 8 episódios (480 min.), son., color.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FONSECA, Danilo Ferreira da. A mídia ruandesa no genocídio de 1994: a relação entre tutsis, Inkotanyis e a Frente Patriótica Ruandesa. **Em Tempos de Histórias**, Nº. 22, vol. 01, p. 56 – 77, 2013.

FONSECA, Danilo Fonseca. Etnicidade de hutus e tutsis no Manifesto Hutu de 1957. **Cadernos de História**, v. 17, n. 26, p. 221-250, 2016.

FONSECA, Danilo Fonseca. Publicando o ódio: a revista Kangura e a Guerra Civil Ruandesa. **Cadernos de África Contemporânea**, v. 1, p. 8-20, 2018.

FONSECA, Danilo Fonseca. Centros de memória e ensino: a Frente Patriótica Ruandesa e a difusão da História de Ruanda. **Cadernos de África Contemporânea**, v. 05, p. 131-142, 2022.

GOUREVITCH, Philip. **Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias.** São Paulo: Cia das Letras, 2006.

HATZFELD, Jean. **Uma temporada de facões. Relatos de genocídio em Ruanda.** São Paulo: Cia das Letras, 2005.

KAPUSCINSKI, Ryszard. Uma palestra sobre Ruanda. In: **Ébano. Minha vida na África.** São Paulo: Cia das Letras, 2011, p. 185 - 204.

KI-ZERBO, Joseph (org). **História Geral da África, vol. I – Metodologia e pré-história da África.** Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra. Volume I.** Mem Martins: Publicações Europa- América, 2009.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. A “África” brasileira e as “Áfricas” dos africanos: estereótipias e conflitos nas representações e nas formas de conhecer os fenômenos. In: SOUZA, Antônio Carlos dos Santos; SANTOS, Débora Abdalla; SAMPAIO, Romilson Lopes; LIMA, Ivaldo Marciano de França (Org.). **Sistemas de representação do**

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361

Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 133 - 150

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

conhecimento. Uma visão transdisciplinar entre computação e humanidades. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2023(b), v. 01, p. 17-32.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. África e histórias em quadrinhos. Representações homogêneas do continente africano através das revistas do Fantasma, Tintim e Soldado. In: SILVA, Júlio Claudio da; ROCHA, João Marinho da (Org.). **Áfricas, escravidão e liberdade.** 01ª ed. Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas - EDUEA, 2022, v. 01, p. 14-35.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Ensino de História, África e Brasil: Entre Conceitos e Estereótipos. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 10, p. 41-69, 2019 (a).

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Representações da África no âmbito do ensino de história: algumas questões de análise dos conteúdos. **LABIRINTO (UNIR)**, v. 31, p. 97-123, 2019 (b).

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Representações da África no Brasil: Novas Interpretações. 1ª ed. Recife: Editora Bagaço, 2018.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Retroalimentando a barragem de mitos. **História UNICAP**, v. 10, p. 86-114, 2023(a).

MAMDANI, Mahmood. **When Victims Become Killers: Colonialism, Nativism, and the Genocide in Rwanda.** New Jersey: Princeton University Press, 2002.

MORETTIN, Eduardo Victorio. O Cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003.

MUKASONGA, Scholastique. **A mulher de pés descalços.** São Paulo: Editora Nós, 2017a.

MUKASONGA, Scholastique. **Baratas.** São Paulo: Editora Nós, 2018.

MUKASONGA, Scholastique. **Nossa Senhora do Nilo.** São Paulo: Editora Nós, 2017b.

OBENGA, T. Fontes e técnicas específicas da história da África - Panorama Geral. In: KI-ZERBO, Joseph (org). **História Geral da África, Vol. I – Metodologia e pré-história da África.** Brasília: UNESCO/ MEC, 2010, p. 59 – 76.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales. A inovação em História.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

REIS, José Carlos. **Nouvelle Histoire e o tempo histórico. A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel.** São Paulo: Annablume, 2008.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes. Os filmes na história.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SILVA, Igor Castellano da. Congo. **A Guerra Mundial Africana. Conflitos armados, construção do estado e alternativas para a paz.** Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361

Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 133 - 150

BLACK EARTH RISING: RUANDA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Ivaldo Marciano de França Lima

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014.

SITBON, Michel. Ruanda. **Um genocídio na consciência**. Lisboa: Edições Dinossauro, 2000.

Informações dos autores

Ivaldo Marciano de França Lima. Professor adjunto da UNEB/ DEDC II, membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (UNEB/UFBA/IFBA) e colaborador do Pós-Afro (UFBA). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq África do século XX e tempo presente – História Contemporânea. Editor dos periódicos África(s) e Cadernos de África Contemporânea.

Contribuição de autoria: autor

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3350886147683190>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Black Earth Rising: Ruanda e a História do Tempo Presente. **Perspectivas e Diálogos:** Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 6, n. 12, 2023, p. 133 - 150.